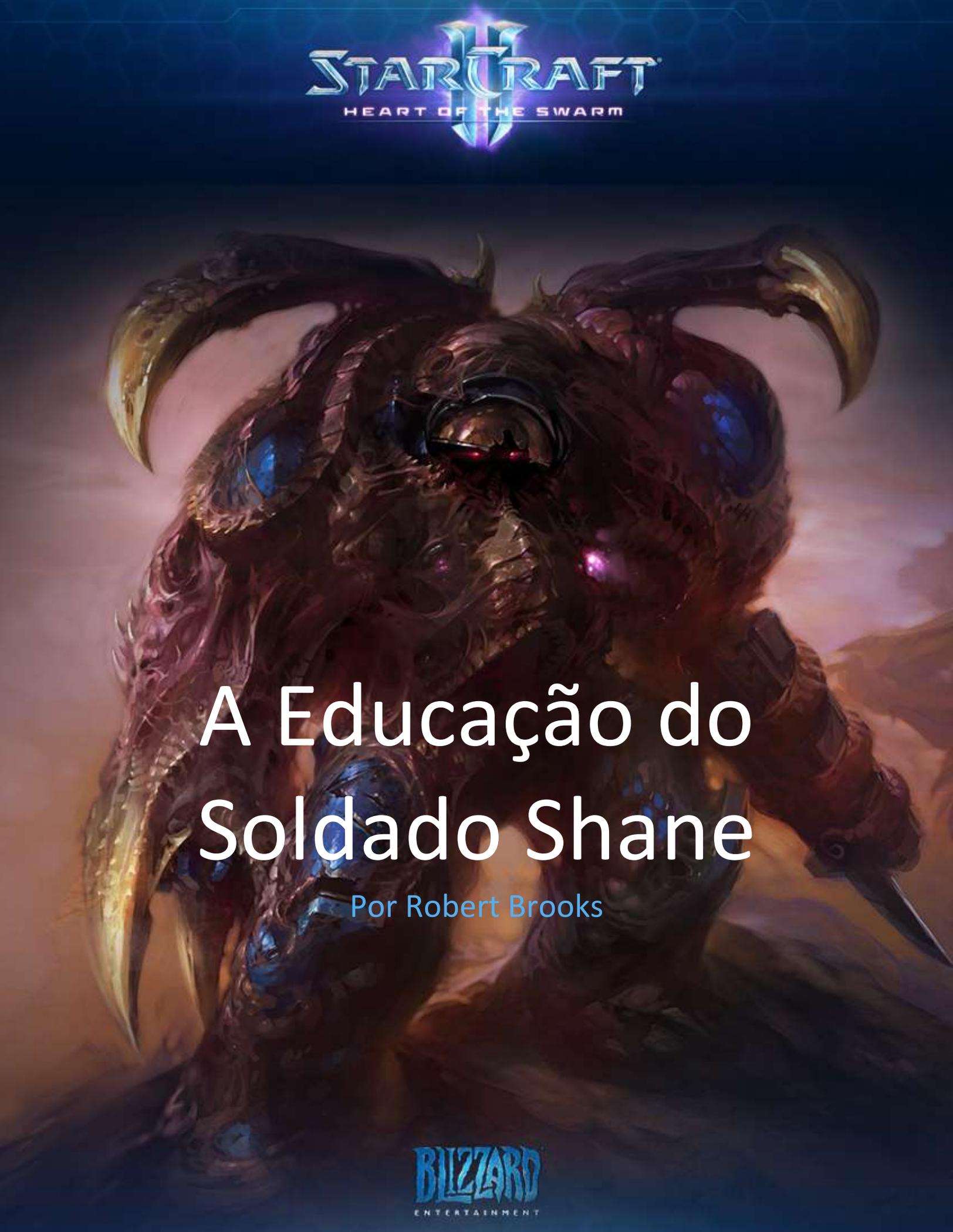




STARCRRAFT  
HEART OF THE SWARM



# A Educação do Soldado Shane

Por Robert Brooks

— Todos esses rapazes e moças estão aqui como voluntários — disse o Imperador Arcturus Mengsk — e, depois de meses de sacrifício em um árduo treinamento, conquistaram seu lugar entre os nobres Soldados da Supremacia. Juntaram-se à vanguarda da humanidade. Eles escolheram se erguer contra um universo inclemente.

Murmúrios de aprovação ecoaram pelo salão lotado. A luz do dia adentrava pelas imensas janelas da parede leste, iluminando o líder da Supremacia e cinco longas fileiras de recrutas bem vestidos em posição de descanso à sua frente.

Um dos recrutas — Geoff Shane, dezenove anos, prestes a se tornar soldado de primeira classe Geoff Shane — lutava uma guerra solitária, e perdia. O esforço para manter o largo sorriso no rosto fazia-o sentir que a cabeça explodiria, e os cantos dos lábios mantinham-se penosamente erguidos, contra a sua vontade.

*O imperador está discursando na minha formatura. O Herói de Korhal em carne e osso. Não parecia real. Ele queria se beliscar, mas não ousou quebrar a formação. Seria impróprio para um soldado da Supremacia.*

— Ainda enfrentamos ameaças terríveis. Duas raças alienígenas selvagens, sedentas de sangue, nos observam com olhos invejosos — disse Mengsk. — Os marginais, vigaristas e dissidentes da humanidade continuam a agir contra os interesses humanos, insurgindo-se contra a Supremacia.

O Imperador examinou as fileiras de jovens recrutas: — Hoje, honramos esses recrutas. Celebramos o seu triunfo. O treinamento chegou ao fim. Agora cabe a eles trilharem o caminho e vencerem nossos inimigos.

Os olhos do imperador pousaram sobre Shane. Sem pensar, o jovem virou a cabeça para olhar nos olhos de Mengsk e devolveu um sorriso canhestro. Era tarde demais quando lembrou-se que sua atenção deveria estar focada à frente.

Shane virou o rosto para a frente. Mengsk abafou uma risada.

— Posso ver que nossos jovens heróis estão prontos, ávidos por superar quaisquer obstáculos que o universo atirar em seu caminho, ainda que alguns precisem aperfeiçoar seu treinamento.

Gargalhadas ecoaram entre a multidão. Shane manteve os olhos travados no símbolo da Supremacia moldado em aço suspenso sobre o salão, atrás do púlpito de onde Mengsk falava, estudando-o meticulosamente, sentindo o rosto corar. Apesar do embaraço, o sorriso ressurgiu. Sua impressão era a de que nunca superaria aquilo.

Shane esperou o imperador continuar o discurso. A multidão se calou.

O tempo passava. O silêncio se tornou opressor. O Imperador Mengsk continuava sem dizer uma só palavra.

O sorriso nervoso de Shane evaporou-se. Será que acontecera alguma coisa? Ele não se atrevia a olhar. Atrás das costas, as duas mãos cerraram-se em punhos. O silêncio permanecia inviolado. A ausência total de ruídos era ensurdecadora.

Shane sentiu a pele arrepiar-se. O salão parecia estar não apenas silencioso, mas também vazio. Completamente vazio.

Sem sussurro, tosse abafada, criança inquieta. Nem respiração. Nada indicava que centenas de pessoas estavam sentadas apenas alguns metros à sua frente.

O sangue pulsava em suas orelhas. O suor escorria de sua testa. Uma dor de cabeça súbita tomou-lhe de assalto e o estômago se revirou, amedrontado. Ele continuava a mirar a insígnia, acossado por um medo irracional de olhar para o pódio.

Em sua cabeça, o Imperador Mengsk, a plateia inteira, todos os recrutas o encaravam. Ansiavam por qualquer deslize ou comportamento impróprio para um soldado da Supremacia.

*Só uma olhada, pensou ele. O tempo passava. Shane simplesmente não conseguia. Só os olhos. Só por um segundo. O imperador achou engraçado da última vez. Ele não vai se importar.*

Shane ainda não conseguia se mover. Ele queria que o discurso continuasse. Queria que a multidão gargalhasse, qualquer coisa que acabasse com a dor de cabeça e a pressão desconfortável dentro do seu crânio.

Por fim, seus olhos viraram e voltaram depressa. Shane não acreditou no que viu. Ele virou a cabeça e olhou diretamente para o pódio.

Mengsk sumira.

Assim com todos os recrutas. Shane se virou, tomado pelo pânico.

A multidão também. Ele estava sozinho no vasto salão de conferência.

A confusão impossibilitava qualquer reação. Como aquilo acontecera? Uma pessoa poderia sumir de vista em meio à multidão, mas centenas? Todas? Num instante?

Não. Todas não. Uma figura permanecia sentada na última fileira, no fundo do salão, afastada do fecho de luz que entrava pela janela. Um homem vultoso, grande demais para se sentar confortavelmente nas cadeiras do salão.

Shane reconheceu a silhueta. Um soldado da Supremacia vestindo o traje de combate completo.

— Ei! — Shane ficou surpreso com o pânico na própria voz. — Ei!

Nenhuma reação. O soldado de armadura parecia estar com os olhos fixos no chão.

— Ei, você! — berrou Shane. Sem resposta. Um acesso de raiva tomou sua mente. *Ele fez isso*, concluiu irracionalmente. *O soldado*. O que quer que tivesse acontecido àquelas pessoas era culpa do soldado. Tinha que ser. Shane nunca teve tanta certeza de nada.

Era para ser seu dia especial. Sua formatura no treinamento básico. O início de seu glorioso serviço à Supremacia. A raiva se transformou num verdadeiro inferno em sua cabeça. Ele estava pronto para arrancar a o traje daquele soldado com os dentes, se fosse necessário.

Shane respirou fundo e gritou: — O que você fez?

Não respondeu. Era demais.

Shane desceu pelo corredor central, correndo por entre fileiras de assentos vazios, os dois olhos focados no soldado solitário. *Aquele soldado.*

Em poucos segundos, percorreu a distância que os separava e saltou berrando e arreganhando os dentes sobre a figura de armadura. Seus braços tentaram agarrar o homem.

O soldado não se moveu, nem sequer se virou, até Shane avançar contra ele com um pulo.

Então ele ergueu os olhos.

O inferno congelou num segundo. O tempo parou. A pressão na cabeça de Shane se transformou em agonia.

O Geoff Shane de dezenove anos viu o rosto desolado e abatido pela guerra de Geoff Shane fitando-o. Uma versão mais velha de si mesmo, mas com olhos inumanos, mortos.

Com o impulso do salto, o corpo de Shane chocou-se violentamente contra o soldado. Contra si mesmo. Os dedos esticados roçaram na armadura metálica. Ela estava muito, muito fria.

Shane piscou.

— Todos esses rapazes e moças estão aqui como voluntários — disse a imagem do Imperador — e, depois de meses de sacrifício em um treinamento árduo, conquistaram seu lugar entre os nobres Soldados da Supremacia. Juntaram-se à vanguarda da humanidade. Eles escolheram se erguer contra um universo inclemente.

Murmúrios de aprovação ecoaram pelo salão lotado. A luz do dia adentrava pelas imensas janelas da parede leste, iluminando o holograma projetado do líder da Supremacia no palco elevado.

À luz do dia, o holovídeo em tamanho natural parecia rutilar, fulgurante. O carisma do imperador Mengsk brilhava até mesmo na forma de uma imagem transparente, erguendo-se acima do pódio diante de cinco longas fileiras de recrutas em posição de descanso.

O Geoff Shane de dezenove anos, prestes a se tornar soldado de primeira classe Geoff Shane, estava de pé, aterrorizado.

*O que aconteceu?*

Assassinato. Shane tentara assassinar alguém. *Você tentou assassinar a si mesmo*, sussurrou sua mente. Não. Foi um sonho. Não havia como aquilo ser real.

Era sua imaginação. Ele tinha sonhado que o imperador Arcturus Mengsk fizera uma visita à formatura de seu treinamento básico, nada mais. *Coisas irracionais acontecem em sonhos*. Shane concluiu que deveria estar feliz por suas calças não terem desaparecido na frente da audiência onírica.

*Quantas vezes já cochilou na frente de centenas de pessoas*, retorquiu sua mente, *de pé?* Shane estava agoniado.

— Ainda enfrentamos ameaças terríveis. Duas raças alienígenas selvagens, sedentas de sangue, nos observam com olhos invejosos — disse Mengsk. Shane supunha que o discurso fosse pré-gravado. Qual era a probabilidade de o líder da Supremacia ter espaço na agenda para uma cerimônia de formatura do treinamento básico?

Sua cabeça doía de novo. A pressão no crânio aumentava como se a caixa óssea estivesse prestes a se estilhaçar. Já era muito mais forte que qualquer dor de cabeça que experimentara e não dava sinais de que fosse retroceder.

Shane engoliu em seco e tentou se concentrar o discurso de Mengsk. Em poucos instantes, percebeu que o imperador estava em silêncio. De novo.

Não. Não era possível. Shane arriscou fitar o pódio. O holograma havia desaparecido.

*Não, de novo não, pensou Shane. Eles sumiram de novo, eu sei...*

O jovem girou tomado pelo pânico, pronto para correr. Os rostos de quase mil cidadãos da Supremacia o encaravam.

Ele congelou. Sua cabeça doía. Relanceava os olhos da esquerda para a direita. Será que os outros recrutas também o observavam?

Não. Os recrutas, não. Eles haviam desaparecido. Todos os olhos no salão lotado estavam focados nele. Percebeu as expressões dos rostos na multidão. Nojo. Medo. Horror. Raiva. Curiosidade. Observavam-no como se ele fosse um monstro.

*O que eu fiz para merecer isso?* A raiva ardia em seu peito. Outra vez. — O que vocês estão olhando? — indagou em voz baixa. Eles continuavam a encarar.

Impulsos sombrios, horrendos, surgiram em sua mente. Visões de morte corriam soltas, selvagens. Sua raiva parecia purificadora, maravilhosa, natural, confortável e justa.

Uma silhueta no fundo da sala chamou a atenção de Shane. Era alguém de pé? Não. Era uma figura vultosa, imensa, sentada num assento obviamente pequeno demais para comportá-la.

Um soldado em traje de combate completo.

As pernas de Shane o carregaram pelo corredor a toda velocidade. A dor e a fúria ferviam em sua cabeça, e suas palavras romperam o silêncio enquanto corria.

*— Vou matar, vou fritar você, seu...*

Em sua raiva, ele não percebeu que as expressões na multidão permaneciam inalteradas. Os olhos o perscrutavam. Pareciam alheios à sua explosão.

Shane se aproximou do homem imóvel de traje de combate. Queria saltar com toda a força sobre ele. Rasgar a armadura e destruir a pessoa que a ocupava.

— Deixe-nos ajudar. — Mesmo proferidas suavemente, as palavras do soldado cortaram a fúria incontida do jovem.

O jovem se deteve a apenas alguns passos de distância. Encarou-o boquiaberto. O soldado falara com a mesma voz de Shane.

O homem de armadura não se moveu. Seus olhos continuavam fixos no chão. — Deixe-nos ajudar — repetiu.

Shane não sabia o que responder. A frase não significava nada para ele. *Ajudar no quê?* — Quem é você? — perguntou.

O soldado ergueu a cabeça, observando Shane através do visor translúcido do traje. Não respondeu. Não era preciso. Shane viu o próprio rosto, marcado pela guerra, a encará-lo.

Uma verdade horrível escapava à sua compreensão. Ele sabia a resposta, mas algo impedia que emergisse, acoessando e mantendo-a fora de seu alcance. A multidão em silêncio continuava a fitá-lo. Apenas a ele. Todos os olhos voltados para Shane. A dor de cabeça aumentava.

— É um sonho — balbuciou ele. Fragmentos de um vídeo velho com médicos lacônicos falando de sonhos pairaram em sua mente. — Você é o lixo na minha mente que eu odeio. Meu subconsciente, não é isso?

O soldado balançou a cabeça: — Não somos você — disse. — Não ainda.

— Nós? — A voz de Shane estava tranquila. As emoções, não. — Nós *quem?*

O soldado ergueu o braço e apontou para as janelas na parede leste. Shane acompanhou, mas não viu nada além da luz matinal. Depois de lançar um olhar duro ao soldado, caminhou até a janela. Os olhos da multidão o seguiam.

Shane parou a alguns passos da parede leste. — O que é para eu procurar?

— Nós.

— O que isso quer dizer?

Nenhuma resposta. Shane conteve uma nova onda de fúria e olhou pela janela.

As formas fervilhavam. Tudo fervilhava. Ele pensava que o terreno era uma planície, um prado pontilhado por pequenos bosques, mas, em vez disso, tudo o que via era o caos se contorcendo, uma paisagem orgânica de vales e colinas vivos.

O corpo de Shane parecia pesado. O jovem estremeceu. Só a força de vontade o mantinha de pé.

Criaturas quadrúpedes corriam apressadamente de um lugar para outro, entrando e saindo do caminho de organismos rastejantes muito maiores. Imensas feras, com dezenas de metros de altura, perambulavam pesadamente. Grandes pilhas de carne arfante ondulavam como braços desprovidos de ossos, e picos imponentes de pura massa viva pareciam gerar centenas de criaturas a todo instante.

A visão estendia-se até o horizonte e além. Shane podia sentir planetas inteiros tomados pelas criaturas. Mais delas vagavam pelo cosmos, em busca de novos lares. A quantidade desafiava a mente, ultrapassando em muito sua imaginação, mas sua consciência entrevia muitos bilhões de criaturas, todas operando em terrível harmonia.

Aqueles eram os zergs. Todos os zergs. O próprio Enxame. Eles permitiam que Shane os visse. Eles *faziam* com que os visse.

*Nós quem?*, perguntara Shane. Lá estava a resposta. Eles eram legião.

Shane se virou. O salão de conferência estava vazio novamente, exceto pelo soldado em traje de combate. A ausência da multidão não importava mais. Ele se sentia calmo. Perfeitamente sereno. Até sorriu.

— Nada disso é real — disse Shane. — É um sonho.

— Não — respondeu o soldado, balançando a cabeça de novo. — Acreditamos que parte disso seja verdade.

— Que parte? A parte em que a multidão desaparece? Ou a parte em que o soldado que tem a minha cara fala comigo? — O sorriso de Shane tornou-se um sorriso de escárnio.

— Você reconhece esse lugar? — O soldado indicou a frente do salão vazio.

— Foi onde me formei — respondeu Shane.

— Do treinamento — completou a outra criatura.

— Isso.

— Tem certeza?

Subitamente, Shane não tinha mais. — Tenho — mentiu. O jovem examinou a sala novamente. Ele *tinha* estado lá, com toda a certeza, mas as memórias cálidas de orgulho e honra associadas àquele dia pareciam diferentes, corrompidas. Distorcidas.

Shane sentiu a garganta arder, invadida pela bile, quando a sombra efêmera de outra memória surgiu em sua mente. Ele sentiu o cheiro de uma fumaça doce.

— Esse homem, Mengsk — sibilou o soldado. — Ele falou com você naquele dia?

— Ele... falou — respondeu Shane. Será que tinha falado mesmo? Ele se lembrava do imperador Arcturus Mengsk conduzindo pessoalmente seu juramento, mas isso era impossível, não era? Talvez o discurso tivesse sido transmitido por holovídeo, talvez fosse apenas uma mensagem pré-gravada. Shane não lembrava bem.

— Em pessoa?

— Ei — retorquiu Shane. — Como você veio parar dentro do meu sonho? *Por que está me fazendo perguntas?*

A cabeça latejava no mesmo ritmo que seu coração acelerado. A dor era imensa.

O soldado demorou a responder: — Nós avisamos que isso não era um sonho.

*Chega.* Shane chutou uma das cadeiras vazias com toda a força, atirando-a no ar. O assento foi parar fileiras à frente, embolando-se ruidosamente com outras cadeiras. O estrondo era profundamente gratificante.

O chute machucou seu pé. Agora seus dedos também pulsavam em harmonia com a cabeça. Como era possível que ainda estivesse sonhando? A dor física não deveria despertar Shane imediatamente?

Shane apontou para o soldado: — Eu quero sair. — Em seu âmago, Shane sabia que a figura de armadura era responsável por aquilo tudo. Por tudinho. — Se isso não for completamente real, então nada é. Significa que é um sonho. Eu quero sair.

— Não é um sonho — disse o Shane mais velho. — É uma lembrança.

O silêncio reinou no salão por um longo instante. — Uma lembrança?

— Isso.

— Uma lembrança que muda?

— Isso.

— *Como isso pode ser uma lembrança?*

— É o que você lembra.

— *Agora* faz sentido. — A despeito da raiva, Shane sentiu-se enjoado. A cada instante convencia-se mais e mais de que ele, o Geoff Shane esquisito com olhos vidrados, fazia o possível para dizer a verdade.

A dor de cabeça não dava trégua. Era como se sua mente fosse explodir a qualquer instante. Ele levou os dedos às têmporas. A dor o cegava.

O soldado se levantou lentamente. O piso rangeu com o peso do traje. — Você se lembra de Mengsk — e sibilou novamente o nome — falando com você, não se lembra?

— Ele não estava lá. Não em pessoa — respondeu Shane por entre os dentes. Agora ele tinha certeza.

— Mas é assim que você lembra. — Não era uma pergunta. Shane não respondeu. O soldado endireitou o corpo, imponente diante de Shane. — Aconteceu mesmo?

— Tá bom — grunhiu Shane. As duas mãos agarraram os lados da cabeça. Em meio à dor, ele lutava para manter os olhos abertos. — Não foi real. E daí?

— É uma lembrança falsa. O que mais é falso?

Era uma pergunta simples. Não acrescentava nada mais que o peso de uma pena à agonia de Shane. Mas era o suficiente.

Sentiu algo lacerando um pouquinho a sua mente. Era como se duas mãos repuxassem um tecido grosso, abrindo pequenos rasgos nos pontos mais frágeis da urdidura. Seu corpo estremeceu, e a realidade pareceu perder a estabilidade, assim como ele.

Shane enxergava pequenos pontos negros flutuando livremente no ar do salão. Pequenas janelas para o vácuo profundo da loucura. Os pontos dançavam diante de seus olhos — ao menor choque, fundiam-se. Alguns aumentaram e se tornaram buracos.

Não havia para onde correr. A escuridão o dominaria. *O que mais é falso?* Se a resposta fosse *tudo*, Shane sabia que se perderia na insanidade. Desesperado, concentrava-se na questão diametralmente oposta: *o que é verdade?*

O salão. Ele era real. Com toda a certeza. Concreto como rocha. Shane se agarrou a isso. A sensação de que sua mente se rasgava cessou. A pressão não recuou nem um passo, mas também não aumentou. Os buracos flutuavam, trêmulos.

— Já vimos isso acontecer antes com a sua espécie — disse o Shane de armadura. — Várias vezes. Não há saída para... isso. — Ele fez um gesto na direção de uma das maiores fendas abertas na sala, que tremulava como um cachorro louco numa coleira. O buraco queria aumentar. Queria engolir a mente de Shane. Inteira.

*Não há saída.* Shane acreditava nisso. Havia algo de definitivo naquilo. Tudo o que conseguiu foi sussurrar: — Como faz para parar?

A resposta veio sem hesitação: — Deixe-nos ajudar.

Shane queria gritar *Vai, me ajuda!* A pressão em sua cabeça aumentava. A escuridão tremia de entusiasmo.

— Como?

— Nós vamos arrancar as mentiras, mas você precisa nos deixar entrar.

Shane comprimiu os olhos. Nós. *Eles.* Os zergs.

*O Exame.*

Eles já tocavam sua mente. Os zergs estavam ali, usando seu próprio rosto para se comunicar com ele. Era possível sentir a conexão entre o soldado à sua frente e as massas de zergs do lado de fora da janela. Eram o mesmo, um só.

— Idiota. — A dor na cabeça piorara, mas Shane não se importava. Os furos na realidade cresciam. — Sai da minha cabeça! SAI! — Shane se concentrou e investiu sem pensar, atacando de uma maneira que ele sequer compreendia. O soldado desapareceu no mesmo instante. Os

olhos da figura deixaram um par de sombras purpúreas ardendo na vista de Shane. Ele olhou pela janela e viu que os zergs também tinham desaparecido.

A pressão, contudo, perdurava. Crescia a cada segundo. Shane agora estava realmente sozinho no salão de conferência.

O jovem caiu de joelhos, enterrando os dedos na cabeça. As unhas rasgavam-lhe o couro cabeludo, e sangue morno escorria pelo seu rosto.

*Eu vou morrer.*

Um silêncio opressor inundou seus ouvidos. Shane gritou. Sua própria voz soava fraca e distante. Algumas das fendas na realidade iam do chão ao teto e além, fundindo-se, dobrando de tamanho a cada instante. A escuridão final ameaçava se apoderar de sua visão.

Shane não tinha dúvidas de que a pressão na cabeça rasgaria sua mente. Tinha mais medo da outra opção. *Não vou deixar que entrem. Não vou.*

Com muito esforço, ele mantinha os olhos abertos. Em alguns instantes, o salão de assembleia se desfiaria, assim como os restos de sua sanidade. Seria a última coisa que veria.

Os pensamentos turbilhonavam em sua mente, buscando desesperadamente uma saída. *O salão é real.* Isso ele sabia. Todo o resto acerca da cerimônia de formatura parecia nubloso e insubstancial. Ele se concentrou no salão. Só no salão. Seria seu ponto de partida.

A pressão irrompeu de seu crânio, tornou-se um rio e ameaçou carregá-lo para a escuridão. Shane abandonou todo o resto e agarrou-se ao que tinha de concreto: o salão. À sua frente, a loucura escancarava-se como um precipício.

O rio cavou desfiladeiros em sua mente. Shane tentava se concentrar enquanto o caos descorticava algo, expondo uma superfície suave, crua, selvagem.

A lembrança da cerimônia de formatura estilhaçou-se na mente de Shane — fez-se em pedaços, depois tornou-se névoa e, por fim, desapareceu.

O discurso do imperador Mengsk havia sumido. Os recrutas haviam sumido.

A pressão havia sumido. *As mentiras sumiram.*

O salão permanecia.

Shane piscou.

— A partir de agora, profiro o solene julgamento da Supremacia — disse o juiz, observando do alto de sua bancada. — Primeira acusação, assassinato premeditado: culpado. Segunda acusação, tortura e práticas sadistas que resultaram na morte da vítima: culpado. Terceira acusação, incêndio criminoso resultando na morte da vítima: culpado.

A cada veredito, os murmúrios de aprovação cresciam no salão lotado. A luz do dia que adentrava pelas imensas janelas na parede leste iluminava o criminoso recém-condenado e os guardas que o escoltavam, segurando-o pelos braços diante do juiz.

Geoff Shane, dezenove anos, prestes a se tornar Geoff Shane, preso, mal prestava atenção enquanto o juiz continuava a despejar condenações. Sequestro: culpado. Violação de vítima de um crime hediondo: culpado.

Shane havia gargalhado quando seu conselheiro de defesa o informara que ele seria acusado de mais de vinte crimes. Aquilo tudo? Por causa de uma drogada? "Eles têm uma meta para alcançar?", perguntou na ocasião.

O jovem fechou a cara para o guarda que agarrava seu cotovelo esquerdo, aplicando uma pressão constante em seu ombro.

Mutilação: culpado. Uso de narcóticos em função de ataque, resultando na morte da vítima: culpado.

— Eu mato você — sussurrou Shane para o guarda. — Queimar sua carcaça até virar carvão. Que tal?

O guarda apenas devolveu o olhar e aumentou a pressão em seu ombro, não se deixando intimidar. Shane sentiu o velho gênio se acender. Uma névoa vermelha tomou conta de sua visão. Ele imaginava o porco guinchando histérico enquanto era queimado vivo.

E sentia os olhos da multidão sobre ele, perscrutando, julgando. *Como se nunca tivessem feito nada de errado.* — O que vocês estão olhando? — berrou, e recebeu um tapa na lateral da cabeça, desferido pelo guarda à direita. Shane rosnou para ele.

— O réu deve permanecer em silêncio — disse o juiz. — Décima sexta acusação, incêndio criminoso com fins de destruir evidências de crime hediondo: culpado.

Nas profundezas da mente de Shane, distante do exterior bravateiro e do incômodo crescente diante da longa lista de condenações, uma pequena fagulha de sua consciência observava os acontecimentos com puro horror.

*Não pode ser verdade. Não pode ser o que realmente aconteceu.*

Enquanto o juiz recitava mais vereditos, aquela pequena parte da mente de Shane empenhava-se em negar tudo, em refutar a cena como mais uma mentira, outra memória falsa. Não, não era. Tudo fazia parte do que havia de concreto, da verdade à qual estava agarrado.

Livre das mentiras, uma palavra finalmente voltou à tona: *ressocialização*. A Supremacia lançou um véu sobre seus crimes e os substituíra por memórias fortes e positivas, camada a camada. Até mesmo o conceito de ressocialização, a própria palavra, estava trancafiada e escondida, até que sua mente a desenterrou, junto com todo o resto.

Ele agora via como as mentiras foram entrelaçadas às suas próprias memórias, ancoradas em algo sólido e real. Em vez de ser sentenciado por assassinato, ficara frente a frente com o maior líder da Supremacia e se tornara soldado graduado. Em vez de ter que encarar o desprezo de

uma multidão sedenta por vingança, prestara juramento e fora aplaudido. A ficção feliz havia sido cuidadosamente moldada, até que mais nada da verdade restasse.

Shane queria desesperadamente crer que o julgamento também era mentira. O julgamento — não, a *condenação*; o julgamento já terminara — transmitia a mesma sensação de peso e verdade que o que havia de mais concreto. Era real.

As mentiras terminaram. Foram arrancadas.

*Arrancadas pelos zergs.* Alarmes soaram na parte desperta de sua mente.

O juiz finalmente terminou de ler os vereditos: culpado de 23 crimes. Depois, perguntou a Shane se havia algo que quisesse dizer para tentar mitigar a natureza hedionda de seus crimes. O jovem de dezenove anos sorriu, cuspiu e soltou improperios a plenos pulmões, até que os guardas o atiraram no chão e prenderam um dispositivo de metal à sua mandíbula, prendendo-lhe a boca.

Aquilo só enfureceu Shane ainda mais. Enquanto, do chão do tribunal, ele continuava a destilar suas vulgaridades, o juiz proferiu a sentença e assegurou a punição pela qual a multidão ansiava: a morte.

Uma salva de palmas espontânea estourou. O meirinho pediu ordem. Os guardas arrastaram Geoff Shane, agora um criminoso condenado, para fora do tribunal, rumo a uma execução rápida. Não haveria apelação. A sentença seria executada ao pôr do sol.

Shane sabia o que o aguardava. A parte consciente de sua mente clamava pelo fim daquela lembrança. Ele não queria passar por aquilo de novo. *De novo, não.*

Eles o arrastaram para fora do transporte. Conduziram-no a uma construção impessoal. Carregaram-no a um elevador de segurança que viajava pelo subsolo.

*Por favor, chega.*

Eles o empurraram para dentro de uma sala caiada, ainda algemado. Deixaram-no lá por horas, ignorando as ameaças, os palavrões, os berros. Ignorando o pânico de quem está prestes a caminhar pelo corredor da morte.

A parte consciente de sua mente sabia que ele não seria executado. Sabia que a Supremacia encontraria um uso para ele. E sabia também que os milicos viriam e o arrastariam para a sala escura com as insígnias da Supremacia. Eles o enfiariam num daqueles tubos horríveis. Depois viria a dor, e suas lembranças se transformariam.

Aquela seria a verdadeira formatura. O verdadeiro ingresso nas forças da Supremacia. Sua mente suplicava por ajuda. Qualquer ajuda.

E a ajuda logo veio.

Um soldado de traje de combate completo estava com ele na sala, examinando Shane com olhos inexpressivos. A luz era estranha. Seus olhos pareciam brilhar.

Os dois Shanes se encararam em silêncio por um longo tempo.

— Deixe-nos ajudar — disse o soldado com o rosto de Geoff Shane.

— Quem é você? — perguntou Shane, com a voz embargada.

— Somos o que você poderia ser.

Shane se lembrou da vista das janelas do salão. Lembrou-se dos infindáveis campos de zergs. — Como? Como eu poderia acabar que nem vocês?

— Peça.

— Não.

— Deixe-nos ajudar — repetiu o soldado.

— Não preciso desse tipo de ajuda.

— Sim, você precisa. Já vimos isso acontecer antes com a sua espécie. Várias vezes. Seus líderes parecem preferir assim.

Shane sentia-se impotente. Seus crimes foram revelados a partir de uma perspectiva inumana e descritos como *dor*. — O que eu fiz não pode ser perdoado.

— Nós aceitamos.

As palavras pegaram Shane desprevenido. — O quê?

— Nós aceitamos.

— Vocês *querem* gente como eu? — Aquilo soava como uma boa razão para recusar.

— Nós aceitamos, assim como eles.

Shane cuspiu. Suas mãos, algemadas, agitaram-se inutilmente. — A Supremacia não me aceitou. Eles me mudaram.

— Sim.

Shane podia ouvir os dois significados da resposta: *sim*, a Supremacia mudou você, e *sim*, eles o aceitaram.

Shane fechou os olhos com força. Outro conceito preso sob a superfície ressocializada. Ele se lembrou de soldados deformados lado a lado com os zergs, arrastando armas e tentáculos, sem o menor traço de humanidade. Escravizados.

Infectados.

Um novo terror invadiu seu estômago. Shane — Soldado de Primeira Classe Geoff Shane — pôde ver com seus próprios olhos. Ele lutara contra aquelas coisas. Assistira com inveja enquanto os morcegos de fogo os reduziam a cinzas. Os infectados não representavam ameaça

nenhuma. Eram apenas zergs. Alvos para a artilharia da Supremacia. A ressocialização não permitia que os visse como algo além daquilo.

O SPC Shane enfrentara os infectados em mais batalhas do que gostaria de lembrar. Sempre vencera.

Ele não via razão para mudar de lado.

— Nós aceitamos — repetiu o soldado.

— Vocês não aceitaram. Vocês os mataram.

— *Vocês os mataram* — respondeu o soldado. Eles se referiam a literalmente matá-los. O próprio SPC Shane cravejou incontáveis abominações de balas.

— Eles já estavam mortos antes de mesmo de eu aparecer.

— Não.

— Vocês transformaram todos em... vocês.

— Sim. Nós aceitamos — disseram.

— Desgraçados. Vocês... — Shane parou de falar. As palavras que dissera ecoaram em sua cabeça. *Eles os transformaram*. — Eles não trocaram de lado. Não escolheram. Vocês os capturaram e os transformaram. — Seu estômago se agitou.

— Eles escolheram.

Shane mal ouviu o soldado. Enfim tivera um estalo. — Então vocês me pegaram também — disse. Sua voz tremulava um pouco.

O soldado zerg com o rosto do SPC Shane não respondeu.

— Onde eu estou agora? — indagou Shane. Nenhuma resposta. — Fui capturado? Me acorde. Quero ver.

— Não.

Eu *fui* capturado. Shane se manteve calmo. Os humanos infestados que vira estavam totalmente deformados. Massas que mal podiam ser reconhecidas como corpos humanos, exceto pelos dois braços e pernas. De alguma maneira, os zergs mantinham sua mente submersa, aprisionada em suas lembranças, enquanto faziam sabe-se lá o que com seu corpo.

Talvez ele já fosse um deles. *Mas talvez não*. Shane agarrou-se a esse pensamento. Talvez não fosse tarde demais. Ele tinha que fugir. Se eles o mantivessem imerso em recordações, adormecido, seria impossível escapar. Precisava convencê-los a acordá-lo. — Eu quero ver.

— Não.

— Sim.

— Só depois que você nos deixar ajudar.

— Não — respondeu Shane.

O soldado permaneceu um instante em silêncio, e então a pressão costumeira voltou à mente de Shane. Uma dor de cabeça fraca, nada parecida com a agonia de antes. A pressão parecia incapaz de se fixar, dando solavancos e se retorcendo, deslizando pelo seu cérebro com dedos dormentes.

Shane sorriu. Não era nada. Ele poderia suportar aquilo indefinidamente. — Opa. Parece que não funciona mais, né? Que estranho. Parece que vocês não têm mais nada com que me machucar.

O soldado não respondeu, e Shane abriu um largo sorriso: — Não consegue se agarrar ao meu cérebro sem alguma sobra de ressocialização? Você pode me manter aqui, mas não consegue acabar comigo de novo, consegue?

— Deixe-nos ajudar — disse o soldado zerg.

— Seus idiotas cretinos. Essa ladainha não funciona mais. É assim que vocês dobram os soldados? Arrastam todos até a beira da loucura e esperam até que entrem em pânico? — Shane encarava seu duplo. — Aposto que a dor de arrancar uma ressocialização funciona perfeitamente como motivação. Aí vocês ficam lá esperando, oferecendo uma mão amiga. "Deixe-nos ajudar." Vão pro inferno.

O soldado continuava em silêncio. Shane não se importava. Ele estava apenas se aquecendo. — Vocês quase destruíram meu cérebro. Vocês quase me mataram, mas eu expulsei vocês e enfrentei o furacão sozinho. — Um tom sarcástico emergiu. — Isso é incomum? Será que eu sou especial?

O soldado finalmente respondeu: — Não. Outros fazem o mesmo.

— Ah, então vocês precisam de cooperação. Não podem simplesmente esmagar a gente? Causaria danos demais, né? Eu tenho que *deixar* vocês entrarem. — Shane riu. Era um sentimento bom. *Finalmente uma vantagem.* — Quer saber? Não vou cooperar coisíssima nenhuma. Nunca. Você perdeu sua chance, agora já era. É melhor me matar. Ou me deixar acordar, para que a gente possa conversar. Por mim tanto faz.

O soldado fitava o chão. Ele — *eles* — pareciam estar pensando. Algum tempo se passou. O olhar reluzente do soldado se ergueu outra vez, em busca dos olhos de Shane.

— Não há escapatória. Nós poderíamos forçá-lo, se quiséssemos.

— Se pudessem, vocês já teriam feito isso — retrucou Shane.

— Ainda podemos. — Olhos inumanos encontraram os seus, e Shane ouviu a voz do soldado, sua própria voz, tornar-se fria e outra. A falsa humanidade havia simplesmente desaparecido.  
— Mas nós não precisamos — disseram. — Você pode ficar quanto tempo quiser.

O soldado desapareceu. Shane estava sozinho na sala branca.

Ele permaneceu lá por horas. A presença zerg jamais retornou. Os guardas da Supremacia vieram e arrastaram Shane, que se debatia violentamente, para os tanques de ressocialização.

Os cientistas começaram a trabalhar, entediados.

A porta transparente do tubo se fechou acima dele. Quando a dor finalmente começou, Shane gritou, mas nem os guardas nem os cientistas deram atenção. Ele era um assassino. Pior que isso. Escória.

A agonia pulsava em sua cabeça. Memórias pipocavam contra a sua vontade e desapareciam com a mesma rapidez.

Shane não tinha controle nenhum. Ele não entendia o que estava acontecendo. Sua vida passava diante de seus olhos, enquanto escabujava e xingava.

*Agora* ele compreendia. Os cientistas inspecionavam suas recordações. Catalogavam. Procuravam as mais dolorosas. Eles o forçaram a reviver todas, e só depois as modificaram.

Ele piscou. Os cientistas começaram do início, e dolorosamente.

Aos oito anos, Geoff Shane caiu de costas no chão, confuso e com o nariz sangrando.

Seu pai berrava, exigindo que se desculpasse, com o punho ainda cerrado. Geoff se desculpara inúmeras vezes, algo envolvendo uma cadeira que ele quebrara por acidente. A cabeça latejava.

O SPC Shane não estava apenas se lembrando: ele revivia tudo. Os pensamentos fluíam em sua cabeça. A língua parecia inchada, dormente. Alguns dentes pendiam soltos do lado

esquerdo de seu rosto. No bafo do pai, o fedor lancinante de uísque. Ele ouviu seu eu criança murmurar outra desculpa e sentiu o tapa que o garoto recebeu de troco.

O pai queria um pedido de desculpas mais sincero: — Pede desculpas, mas não da boca para fora.

*Não ria*, gemeu o SPC Shane. O menino não podia ouvi-lo. Desnorteadado, o Geoff de oito anos ria, sem medo. — A mamãe morreu, e ela odiaria aquela cadeira. — As palavras saíam em meio a risadinhas.

O punho de seu pai cortou o ar, e a memória ficou anuviada por um instante. O SPC Shane ouviu duas costelas de Geoff se partirem e sentiu a dor na cabeça aumentar. Quando o garoto finalmente despertou, seus pensamentos estavam completamente embaralhados. O medo havia recuado para bem longe, mas a raiva e a dor ocuparam seu lugar. As batidas do coração retumbavam em seus ouvidos, e o suor escorria de sua testa.

Era como se sua mente fosse explodir a qualquer instante.

Seu pai dormia. Ou estava desmaiado. Não importava. Geoff estava parado à soleira da porta, de onde observava o peito do pai subir e descer, cogitando pegar uma faca na cozinha ou encontrar o revólver "Koprulu Especial" do velho, com a lateral cromada.

O homem deixou escapar um arrote. O cheiro de álcool invadiu a sala.

O menino caminhou vacilante até a cozinha e percebeu pela primeira vez a garrafa de destilado quase vazia sobre a mesa. Ele cheirou o líquido âmbar e pensou por um instante. O SPC Shane permanecia calado e distante.

Quando Geoff tomou a decisão, caminhou até o quarto do pai e despejou o que restava no fundo da garrafa sobre o peito do homem.

Não. O SPC Shane tentou escapar de outra memória. Qualquer coisa, mas aquilo, não. Ele tentou até mesmo correr de volta para a ressocialização. Para a condenação. A dor seria

recebida de braços abertos. Não funcionou. Eles fariam com que revivesse cada momento terrível.

O velho fungou e lambeu os beiços enquanto o álcool escorria pelo seu corpo, mas não acordou. Geoff encontrou o isqueiro do pai perto dos charutos Umojan baratos e o acendeu. Ergueu a chama alaranjada e trêmula sobre o pai e o encarou. Então, ele soltou.

A lentidão das chamas surpreendeu Geoff. Também foi com surpresa que percebeu que o pai jamais acordara. A fumaça encheu o quarto, e o cheiro de carne e roupas queimadas provocavam-lhe ânsia. Ele correu para fora e assistiu enquanto as chamas consumiam a casa, e lembrou-se tarde demais de que a irmã de três meses ainda dormia no quarto.

Ele não tentou salvar a irmã. Apenas se sentou em silêncio, enfiou a cabeça entre as mãos e espiou por entre os dedos, assistindo à dança das chamas.

Shane piscou. Ele estava de novo no tanque de ressocialização, berrando de dor. Subitamente, a realidade desapareceu outra vez.

*Por favor, pare.*

Sua memória saltou uma década. Aos dezoito, Geoff Shane atraiu uma garota até seu apartamento-lixreira com a promessa de umas doses de sinuca de graça. Ela estava chapada. Não foi preciso muito para convencê-la. Depois de apenas alguns minutos, a garota apagou. Seus olhos giravam sob as pálpebras, que estremeciam num sonho entorpecido. Era justamente o que Shane estivera esperando.

O SPC Shane não estava meramente se lembrando; ele revivia tudo. A expectativa de Shane era a sua expectativa. O prazer de Shane era o seu prazer. Era pior do que ele seria capaz de imaginar.

*Já chega.* O SPC Shane sabia o que aconteceria. Ele tentou se virar. Tentou não assistir. Em sua mente, pedia socorro. Nada disso funcionou. Se o Shane de dezoito anos não piscasse, ele também não piscaria. Se Shane não se virasse, ele não poderia se virar.

— Deixe-nos ajudar. — O SPC Shane ouviu uma voz.

Shane observou o peito da garota subindo e descendo por um bom tempo. Depois, levantou uma de suas pálpebras e fitou a pupila dilatada. Ela não se mexeu, e isso o deixou fascinado. Então ele ateou o fogo. Ela finalmente acordou e seus olhos se arregalaram, exibindo círculos brancos à súbita luz alaranjada.

Ele ficou perto dela enquanto as chamas se espalhavam. Os gritos da jovem cantaram em seus ouvidos. Os olhos de Shane dançavam com a visão da garota se debatendo.

O SPC Shane tentou acordar. Lutou para chegar à superfície, mas sentiu a mente se chocar contra um teto. Os zergs o mantinham aprisionado.

— Deixe-nos ajudar — disse uma voz.

Com a pele empolando e ressecando-se, Shane inclinou-se sobre a garota. Ele inspirou fundo. Ansiara pelo aroma. Não havia nada como aquilo no universo. Era sempre um alento, poder sentir o cheiro de uma criatura viva assar.

O doce aroma era embriagante, e embriagou o SPC Shane também. E era *mesmo* doce, como açúcar se transformando em melado. Sempre um pouco diferente, mas sempre o mesmo cheiro.

O SPC Shane se atirava contra o teto repetidas vezes. Doía sempre, mas ele não se importava mais.

— Deixe-nos ajudar — disse uma voz.

A garota não gritava mais, mas continuava a se debater, já sem forças. Um novo perfume encheu a sala. As labaredas agitavam-se com vigor renovado, e Shane sorriu. Alegria e prazer invadiram a mente do SPC Shane. Ele tentava repelir os sentimentos. Tentava odiá-los.

Ele estava mentindo para si mesmo, e sabia disso. Ele adorava aquilo. Sempre adoraria.

— Deixe-nos ajudar — disse uma voz.

Um soldado usando um traje de combate completo surgiu diante do Shane de dezoito anos, iluminado pelas chamas infernais. Shane olhou fundo nos olhos brilhantes da figura. E piscou.

\* \* \*

Duas estruturas ainda ardiem a meio quilômetro de distância, mas os últimos gritos havia muito se extinguiram. No firmamento e no chão, o Enxame se movia pelos escombros do posto terrano. A massa espessa de gosma se espalhava incontrolavelmente, lambendo os corpos dos inimigos, sedenta por cobri-los e reclamá-los para si.

À sombra dos suseranos que pairavam, um membro do Enxame caiu de joelhos. A criatura usava a armadura dos Soldados da Supremacia, mas sua forma humanoide distorcida mal cabia nas placas de aço — tentáculos e apêndices de carne se espremiavam nas reentrâncias.

Dois olhos brilhantes observavam de dentro do capacete. Sua respiração era estável, mas pesada. Rodeada por uma nuvem de fumaça, a criatura aspirava e fungava. O cheiro não era tão doce.

Logo ao lado, um zernídeo saltou sobre os restos fumegantes de uma Aparição da Supremacia e depois se deteve. O pequeno quadrúpede ergueu os olhos para a outra criatura, muito maior, estalando alegremente suas quelíceras falciformes por cima de um largo sorriso.

O monstro bípede olhou para baixo e resfolegou satisfeito. O Enxame vencera. Estava acabado.

Seus olhos brilhantes piscaram.